

# ANTUNES, António Lobo. *Eu hei-de amar uma pedra*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004.

*Denis Leandro Francisco*  
Universidade Federal de Minas Gerais

**L**ector, esse livro requer coragem. Mais de 600 páginas, agrupadas em quatro partes comunicantes – “as fotografias”, “as consultas”, “as visitas” e “as narrativas” –, inscritas sob a mais completa dispersão do acontecimento romanesco e da subjetividade; personagens que parecem se dissolver em meio às reminiscências que evocam, esvaziando-se para dar lugar à voz autônoma e sem rosto da linguagem. Com *Eu hei-de amar uma pedra*, António Lobo Antunes nos apresenta aquele que talvez seja o seu mais desafiador e inusitado romance já publicado.

Durante 52 anos, um homem casado encontra-se, às quartas-feiras, num quarto de hospedaria no bairro da Graça, com a mulher que amara na juventude e que julgava ter morrido num sanatório em Coimbra. Esse narrador põe-se a recordar vestígios de um espaço – o Beato – e de um tempo – a infância – já distantes e precariamente conservados nas

fotografias que a família tirava na antiga Photo Royal Lda, também já tão distante e transformada em sapataria. Ecos de uma guerra, de um primo querido e de um pai – com seu chapéu, a fumar, preparando canas de pesca, a partir e a nunca mais retornar num tão esperado comboio que viria da França – atormentam a personagem e a própria narrativa, que se desenvolve de forma intermitente, exaustivamente entrecortada por essas e outras imagens do passado.

Sua filha mais nova, Raquel, guarda, como lembrança do pai que amava sem conseguir demonstrar, a imagem de uma ida ao circo, quando ele apertava sua mão para protegê-la dos palhaços. Ela narra antigas recordações de infância, das férias sempre passadas em Tavira, da mulher sempre dois toldos adiante na areia da praia, e outras mais recentes, em que ela é agora “Dona Raquel”, amante de Pedro, a quem despreza, marido da própria irmã. A incomunicabilidade

marca sua relação com toda família e ela padece da mesma doença que aflige todas as personagens: solidão.

A origem das reminiscências da filha mais velha está em uma fotografia tirada num restaurante da Baixa, no aniversário de 50 anos de casamento dos pais. Ávida de carinho e visivelmente preterida pelo pai – que prefere a filha mais nova –, desde criança faz de tudo para chamar sua atenção, o que só faz com que ele a rejeite ainda mais. Seu casamento infeliz, seu marido e filho indiferentes, seus quarenta e oito anos e a saudade de um amor antigo – a professora de geografia – é tudo o que o presente da enunciação parece lhe oferecer.

Em “as consultas”, um médico psiquiatra atende uma doente de 82 anos. Atormentado pela perecibilidade do tempo, pelo abandono da esposa e pela morte da irmã ainda criança, sua narrativa irá se confrontar com a da paciente, numa espécie de disputa sobre qual existência dói mais. Com sua atual esposa, ele irá percorrer os lugares que a paciente lhe descrevera, fazendo com que fotografias e consultas se encontrem, assim como visitas e narrativas, nesse romance que é sobre tudo aquilo que lateja do passado.

As visitas a que se refere o subtítulo são feitas pela filha mais nova do protagonista a Adélia, filha da madrinha de sua avó. Já velha e num asilo, Adélia rememora a época em que o

protagonista a expulsara da casa onde morava no segundo andar do Jardim Constantino, ao mesmo tempo em que lamenta a interrupção abrupta das visitas que aguardava tão ansiosamente.

São sete as “narrativas”, sete narradores: uma rapariga da hospedaria na Graça, a senhoria, a filha mais velha do protagonista, sua esposa, seu genro e sua amante, além de uma incógnita voz que, sem se identificar, relata a quinta narrativa e se dirige ao seu interlocutor – a filha mais nova – com a intimidade de um “tu”.

Essa aparente linearidade dos estilhaços de histórias aqui rapidamente comentados só se encontra no breve espaço dessa resenha: a imensa narrativa antuniana se desenvolve na mais absoluta desordem, na mais desconcertante dispersão – e reside aí parte de sua beleza, eis aí o seu desafio. Em movimentos desordenados de progressão e regressão temporal, personagens vão e retornam em seu trânsito por épocas e espaços sempre estilhaçados e confusamente recompostos por uma memória vertiginosa e angustiada.

*Eu hei-de amar uma pedra*, além de reafirmar a escrita tão particular de Lobo Antunes, colabora para a expansão do seu universo ficcional livre de hierarquias, no qual as personagens dividem o espaço literário com objetos e casas, plantas e ventos que, igualmente, desfiam

suas mazelas em meio à profusão de vozes que se entrecruzam na superfície indistinta do texto. Uma vez mais, a verossimilhança deve ser repensada ao nos depararmos com uma obra em que mesmo personagens já mortas se intrometem em narrações alheias e o humano, o vegetal e os objetos inanimados entoam suas considerações narrativas.

A incumbência de relatar cada uma dessas amargas histórias, assim como a tarefa de encerrá-las, é discutida sobretudo na última parte do romance, quando a linguagem parece ser posta em questão, o ato de narrar e a autoria discutidos e inquiridos. Ao final, a amante do protagonista é quem irá fechar a narrativa, indagando-se, tantos anos após o sucedido, se não teria inventado tudo, ao mesmo tempo em que intui que não, uma vez que ainda lhe pesam na memória os Agostos passados em Tavira, as acácias de Sintra em maio, ela a tecer o seu crochet na areia da praia, o quarto da hospedaria na Graça, a

trepadeira, a janela diante da qual ela e seu amado sentavam-se à espera sabe-se lá de quê.

Famílias dilaceradas, a incomunicabilidade entre as pessoas, vidas de perdas e de desencontros, personagens solitárias que vêem a si mesmas como “pedras” tamanho o esvaziamento de si e a dureza de suas existências: isso é tudo o que sobeja do passado de cada personagem, todo o resto é irrecuperável – como irrecuperável torna-se o sentido da própria narração, com poucas explicações, nenhuma solução narrativa para tantos fragmentos dispersos e incompletos, nenhum arremate final que restaure a ordem e recomponha as partes em seu todo, quase nenhuma esperança:

a minha mãe da cama:

– Até amanhã

porque continuava a acreditar nos  
amanhãs, a pobre

(há quem acredite no amanhã e  
invejo-lhes a fé).<sup>1</sup>

Leitor, esse livro requer coragem.

---

<sup>1</sup> ANTUNES, 2004, p. 372.